

DETERMINANTES SOCIOECONÔMICOS DA ALOCAÇÃO DE TEMPO DOS JOVENS NO BRASIL E AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA DA COVID-19

Área 2 – Desenvolvimento e Microeconomia Aplicada

Cassio Naiard Rodrigues¹

Celina Santos de Oliveira²

RESUMO

As relações de mercado de trabalho e capital humano caracterizam as dimensões do desenvolvimento e crescimento econômico. Nesse contexto, a pandemia da COVID-19 e a crise subsequente tornaram-se temas importantes em torno de uma série de problemas de caráter sociais e econômicos. De maneira particular, os jovens formam um dos grupos mais vulneráveis e expostos as implicações negativas desses eventos. O presente estudo visa identificar os efeitos da recente crise econômica, sobre os determinantes socioeconômicos da alocação de tempo dos jovens brasileiros entre as suas atividades ocupacionais, procurando identificar e analisar as características que afetam suas escolhas. Para tanto, são utilizados dados trimestrais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2018.1 a 2022.1, e como estratégia econométrica, o modelo Logit Multinomial. Os principais resultados, sugerem que os jovens nos trimestres iniciais a pandemia (2020) tiveram uma redução de probabilidade de só trabalhar, porém possuem alto risco de se enquadrarem como nem-nem. Características como sexo, idade elevada, ser chefe de família ou cônjuge, aumentam os riscos para só trabalhar, ao passo que brancos, caracterizados como filho, com pais com maior nível educacional, aumentam a probabilidade de só estudarem. Em contraponto, jovens com menor renda per capita tendem a ser categorizados como nem-nem.

Palavras-chave: Pandemia; Mercado de trabalho dos Jovens; Escolha ocupacional do Jovem.

ABSTRACT

Labor market and human capital relations characterize the dimensions of economic development and growth. In this context, the COVID-19 pandemic and the crisis have become important themes surrounding a series of social and economic problems. In particular, young people form one of the most vulnerable groups exposed to the negative implications of these events. The present study aims to identify the effects of the recent economic crisis on the socioeconomic determinants of young Brazilians' time allocation between their occupational activities, seeking to identify and analyze the characteristics that affect their choices. To this end, quarterly data from the Continuous National Household Sample Survey (PNADC) from 2018.1 to 2022.1 are used, and as an econometric strategy, the Multinomial Logit model. The main results suggest that young people in the initial quarters of the pandemic (2020) have a reduced probability of only working, but they have a high risk of being classified as neither-nor. Characteristics such as gender, high age, being head of the family or spouse increase the risk of only working, while white people, characterized as children, with parents with a higher level of education, increase the probability of only studying. In contrast, young people with lower per capita income tend to be categorized as neither-nor.

Keywords: Pandemic; Youth labor market; Young people's occupational choice

Classificação JEL: Z0, J24, J22

¹ Mestrando em Economia Rural pela UFC. E-mail: cassio.naiard12@alu.ufc.br. Tel. (88) 99221.7118

² Doutora em Economia pela UFPB. Professora FEAAC/UFC. E-mail: oli.celina@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

As relações mercado de trabalho e capital humano passam a caracterizar de certa forma, as dimensões do desenvolvimento e crescimento econômico de determinado país. Montali (2017) destaca que mudanças institucionais, demográficas e políticas, determinam as diferentes inserções no mercado de trabalho. Com isso, desde o início dos anos 2000 houve um maior interesse em se estudar a temática sobre as questões relacionadas ao mercado de trabalho e educação juvenil, (CAMARANO et al., 2006; CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013; SHIRASU e ARRAES, 2019; GUIMARÃES, MARTELETO e ALVES 2016; TILLMANN e COMIM, 2016;) estão entre os principais estudos.

No que se trata da população jovem, as mudanças citadas anteriormente, também têm seu impacto. Dessa forma, a grande inserção de jovens no mercado de trabalho atrelada a essas mudanças, se tornam motivo de preocupação e de questionamentos sobre o que leva o mesmo a realizar determinadas atividades, onde sua ociosidade ou baixa qualificação fariam com que auferissem baixos níveis de remuneração projetando dificuldades à medida em que se tornam indivíduos com idade ativa no mercado.

Diversos estudos, como os já citados anteriormente, trazem os jovens dentro do contexto de análise do mercado de trabalho, conduta educacional e como é dada a transição escola-trabalho. Ademais, como observado por Shirasu e Arraes (2019), essa fase representa uma maior vulnerabilidade social por apresentar baixa escolaridade e experiência, junto a falta de perspectiva futura, criando um cenário de maior dificuldade de inserção desses jovens no Brasil.

As estatísticas validam isso, os percentuais de abandono escolar se encontram elevados sendo de 2,3% em 2020 e 5,6% em 2021 de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), abrindo assim, espaço a outras estatísticas ligadas a criminalidade, saúde e até mesmo parentalidade precoce. Gerando uma maior desigualdade social em relação ao aprendizado, qualificação e dificuldade ao ingresso no mercado de trabalho, perpetuando um ciclo vicioso da pobreza e desigualdade socioeconômica no país, tanto na ótica de Santos (2005) quanto na de Kassouf (2002).

Hasenbalg (2003) afirma a ideia de que em países desenvolvidos é sustentada a trajetória de que após a conclusão dos estudos é assegurada a inserção no mercado de trabalho. Porém no caso da América Latina e Brasil não se verifica essa sequência devido a entrada precoce no mercado de trabalho, a conciliação entre escola e trabalho e até mesmo a escolha entre um ou outro (Camarano et al 2006). Posto isso, observa-se um elevado percentual de jovens que não trabalham e nem estudam, os chamados “nem-nem”.

Em regiões como a América Latina, nota-se uma maior concentração de jovens nem-nem do mundo, principalmente entre as famílias de baixa renda (HOYOS, ROGERS e SZÉKELY, 2016). Dessa forma toda essa incidência e seus níveis crescentes elevam as disparidades entre as gerações assim como a perpetuação do ciclo da pobreza e danos econômicos, diminuição da produtividade, baixos salários e empregabilidade futura e aumento da criminalidade. (BORJAS, 2012 e SHIRASU E ARRAES, 2019)

Segundo os dados da PNAD (IBGE), em 2019, das 46,9 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade, 14,2% estavam ocupadas e estudando, 28,1% não estavam ocupadas, mas estudavam; e 35,6% estavam ocupadas e não estudando. Os nem-nem representavam 22,1% dos jovens nessa faixa etária. Entre os indivíduos de 15 a 17 anos de idade, 78,8% se dedicavam exclusivamente ao estudo, 11,5% estudavam e trabalhavam e 7,2% não estudavam nem trabalhavam ou se qualificavam. No grupo das pessoas de 18 a 24 anos, 35,1% apenas trabalhavam e 26,5% não trabalhavam, nem estudavam ou se qualificavam.

Frente a esse cenário, temas relacionados a situação ocupacional do jovem ou mesmo a sua falta de ocupação tem ganhado um olhar mais profundo diante dos pesquisadores, uma vez que essa situação eleva as chances desse grupo se enquadrar como perfil de vulnerabilidade socioeconômica. Dada essa característica, a recente crise sanitária, causada pela pandemia do novo coronavírus, pode ter aumentado ainda mais a situação de vulnerabilidade social dos jovens.

O recém-surgido SARS-CoV-2, que causou o chamado surto da COVID-19, foi relatado pela primeira vez em Wuhan, China, no final de dezembro de 2019 (OMS 2020). Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto de COVID-19 como uma emergência de saúde

pública de interesse internacional, e em alguns meses depois devido ao seu alto grau de contaminação pelo mundo, seria declarada uma pandemia global. No Brasil, de acordo com a Fundação Oswaldo Cruz, o primeiro caso confirmado de COVID-19 foi em 26 de fevereiro de 2020 e, em julho, foram confirmados mais de 2,5 milhões de casos e 90 mil óbitos pelo Sars-CoV-2.

Desde então, a pandemia da COVID-19 e a crise subsequente, tornaram-se temas principais em torno de uma série de problemas de caráter sociais e econômicos, que tiveram efeitos significativos em diversos setores entre eles o mercado de trabalho e a desaceleração da atividade econômica, afetando diretamente todos os tipos de organizações e a sociedade como um todo. (KHAMIS et al, 2021)

Nesse contexto, observa-se que as crises tendem a afetar com mais força os grupos mais vulneráveis, onde os jovens de maneira particular, tendem estar mais expostos as implicações socioeconômicas da pandemia (OIT, 2020a). Conforme os relatórios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2020), considera-se que mais de um a cada seis jovens estão sem trabalho e/ou deixou de trabalhar desde o início da pandemia. Dessa maneira, é perceptível como o mercado de trabalho e a esfera educacional dos jovens passara por interferências externas, uma vez que por intermédio das diversas mudanças impostas como afastamento social, fechamento do comércio, de escolas, para conter a proliferação do vírus, o jovem passe a contribuir de alguma forma para o aumento da renda domiciliar, seja através do mercado informal ou abandono escolar para procura de trabalho, aumentando a possibilidade de inatividade, desalento e de ser classificado como nem-nem. (CAMACHO et al., 2020)

De acordo com dados da PNAD contínua de 2020 em relação ao primeiro trimestre, quase 9 milhões de pessoas perderam o seu posto de trabalho. Pode-se observar também uma queda no percentual de jovens ocupados que era de 48,6% no primeiro semestre para 41,4% no segundo, em contraponto ao número de jovens fora da força de trabalho que foi de 36,8%, no primeiro trimestre de 2020, para 44,7%, no segundo trimestre. Assim, a instabilidade e agravamento da crise econômica no Brasil marcada pelo surgimento da pandemia do novo coronavírus, recessão e até mesmo por conflitos políticos já existentes, tem seu efeito principal sobre o mercado de trabalho, acompanhado do aumento da taxa de desemprego (BRIDI, 2020). Com isso, apesar da inegável importância das medidas de restrição social para conter a propagação da doença, são perceptíveis as consequências na sociedade, com efeitos diretos no trabalho e rendimento das famílias. (Brooks SK, Webster RK 2020).

Em face do exposto, a presente pesquisa apresenta o seguinte questionamento: como se deu as escolhas ocupacionais dos jovens de 14 a 25 anos durante a pandemia? Assim, a pesquisa visa contribuir com a literatura nacional ao abordar esse tema frente aos efeitos da pandemia e da crise econômica recente. Para abordar essa questão, é preciso então compreender o perfil desse grupo de jovens e observar como tem evoluído a escolha entre as atividades alternativas, seja ela laboral ou não, segundo o contexto socioeconômico em que se encontram inseridos. Acredita-se que essa análise seja necessária para o arcabouço de políticas públicas nacionais e regionais que possam auxiliar tanto na inserção no mercado de trabalho como na melhoria educacional dos jovens.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo, analisar os determinantes socioeconômicos sobre a alocação de tempo, entre estudar e trabalhar, exercer ambas as atividades ou nenhuma delas, dos jovens entre 14 e 25 anos no Brasil, antes e durante a pandemia, (2018 a 2022). Com o intuito de compreender os principais determinantes, sejam eles sociais ou econômicos, que levam os jovens a conciliar ou não as atividades laborais com estudo, ou até mesmo o afastamento desses dois campos. Para tanto, serão utilizados microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD contínua) situada entre o primeiro trimestre de 2018 e o primeiro trimestre de 2022 para entender as implicações da crise sanitária trazida pela pandemia da covid-19 no Brasil.

Como metodologia, utilizou-se a regressão Logit Multinomial. A análise das escolhas ocupacionais se dá a partir de quatro categorias: trabalha e estuda, trabalha e não estuda, não trabalha e estuda, e não trabalha nem estuda (nem-nem). As atividades ocupacionais mencionadas trazem perspectivas importantes acerca da alocação de tempo desses indivíduos, identificando por meio das variáveis explicativas as características não só dos que conciliam trabalho e estudo como aqueles que estão fora do mercado de trabalho e escola. Assim como os que só estão exercendo uma ocupação (só trabalham ou só estudam) em detrimento da outra.

Este trabalho encontra-se dividido da seguinte forma além dessa introdução: ii) revisão de literatura; iii) metodologia que apresenta a base de dados e o modelo Logit Multinomial, iv) análise descritiva da amostra; v) os resultados; e vi) as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

É crescente o número de literaturas nacionais e internacionais acerca da participação dos jovens no mercado de trabalho, principalmente levando em conta os determinantes e as particularidades da escolha entre a trabalhar e estudar. Em especial, sobre o grupo de jovens classificados como nem-nem. Percebe-se uma literatura ampla e diversa que demonstra as múltiplas características da alocação de tempo dos jovens.

Alcázar *et al* (2002), mostra que jovens do meio rural de países sul-americanos encontram maiores empecilhos na obtenção e acesso a bens e serviços essenciais, de forma que limita seu acesso a escola e a entrada no mercado de trabalho, gerando assim um maior número de jovens ociosos e inativos nesses locais, aumentando sua inserção no grupo dos nem-nem. Esse estudo, mostra ainda que o ambiente rural vem estar associado a uma menor renda familiar e a uma menor escolaridade dos pais, vindo do baixo grau de desenvolvimento regional, o que perpetua estas dificuldades e limita a interação desses jovens seja com o mercado de trabalho ou com os níveis educacionais.

Cardoso (2013) numa análise para os países Europeus em paralelo com o Brasil, frente a condição de jovens nem-nem de 18 a 25 anos, estimou modelo logístico multinível com os dados do censo demográfico de 2000 a 2010, no qual lhe permitiu observar e concluir, que a condição de jovens nem-nem é de difícil desaceleração e que a mesma está ligada a fatores determinados por sua trajetória e condições de inserção social, a um passo que na Europa essa conjuntura se reflete em jovens de classe média, no Brasil observa-se um maior impacto em jovens de mais classe abastadas economicamente, ou seja, famílias mais pobres, alastrando esse impacto às regiões menos desenvolvidas.

Sobre uma perspectiva empírica Székely e Karver (2015) estimaram os efeitos de logo prazo sobre ser um nem-nem durante o período da juventude fazendo uso de 234 (duzentas e trinta e oito) pesquisas domiciliares, eles fazem uso de painéis sintéticos para verificar se as gerações com maior ou menor proporção de nem-nem's experimentam diferentes condições do mercado de trabalho. Dessa maneira, os resultados revelam que a presença de nem-nem tem efeitos negativos de longo prazo na economia e produtividade, reduzindo salários e oportunidades ao longo da vida dos indivíduos, dificultando o crescimento econômico da nação como um todo.

Hoyos, Rogers e Székely (2016), acerca de uma análise descritiva dos nem-nem e sua evolução nas últimas duas décadas na América e Caribe, revelaram através da composição de gênero, que os homens possuem maiores chances de estarem presentes nesse grupo, além de condicionar o aumento do grupo dos nem-nem entre a esfera mais pobre da população. Destaca-se ainda um aumento do grupo dos nem-nem nas faixas etárias de 15 a 18 e 20 a 24 anos, sendo justificado pela evasão escolar e pela falta de preparação ou qualidade educacional para o sucesso de inserção no mercado de trabalho, respectivamente.

Entre os trabalhos da literatura brasileira, destaca-se nesse momento inicial, Silva e Kassouf (2002), na qual se utilizaram do modelo logit multinomial para a situação ocupacional dos jovens de 15 a 24 anos com base nos dados da PNAD de 1988. Distribuíram a amostra em 6 categorias sendo elas se só estuda, só trabalha, estuda e trabalha, estuda e se ocupa dos afazeres domésticos, somente cuida dos afazeres domésticos, e se não trabalha nem estuda, respectivamente, fazendo também a distinção por gênero e por zona residencial desses jovens. Com base nos resultados se observou o efeito da renda familiar líquida sobre a chance de evidência de nem-nem no domicílio, que apresenta variações frente ao gênero sendo positivo para mulheres e negativo para homens. Assim como a influência de variáveis como tamanho do domicílio, idade e escolaridade do chefe de família sobre essas decisões ocupacionais.

Camarano et al. (2006) utilizaram um modelo de regressão logística para determinar o impacto de algumas variáveis dos jovens nem-nem de 15 a 29 anos no ano 2000, sendo essas variáveis, características individuais, familiares, de saúde e demográficas, todas estimadas para saber o grau de influência ou restrição na situação ocupacional dos jovens. Com base nos resultados os autores chegaram à conclusão de que no ano de 2000 a maioria dos jovens classificados como nem-nem estavam situados em áreas rurais, possuíam pais com baixa escolaridade, moravam em domicílios com grande número de pessoas inclusive

crianças e estavam em situação de baixa renda. Concluíram ainda que a proporção de mulheres nem-nem era maior que de homens. Dessa forma os autores relatam que o ambiente familiar pode afetar a construção social e identitária desses jovens, potencializando ou acirrando as condições de vulnerabilidade.

Reis e Camargo (2007) com base nos estudos que mostram os rendimentos de aposentadorias e pensões como uma importante parcela da renda dos domicílios brasileiros, analisaram o seu impacto sobre a esfera educacional e de mercado de trabalho dos jovens, uma vez que podem aumentar a renda domiciliar per capita influenciando suas decisões ocupacionais. Os autores utilizaram dados da Pnad 2003 e fazem uso dos modelos logit e logit multinomial para verificar os efeitos desses rendimentos sobre a amostra de indivíduos entre 15 e 21 anos, moradores de áreas urbanas. Os resultados evidenciam que em domicílios com esses rendimentos, há aumento das chances de o jovem apenas estudar ou participar do mercado de trabalho e até mesmo conciliar as duas modalidades, tendo um efeito positivo no nível de capital humano. Por outro lado, rendimentos provenientes de aposentadorias ou pensões dependendo do seu tamanho, podem ter impactos sobre a proporção de jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho (nem-nem).

Com os dados da Pnad de 2003 e 2006, Hoffmann (2010) utilizando-se da mesma metodologia proposta pelo estudo de Reis e Camargo (2007), pode corroborar com as conclusões dos autores, excetuando-se ao fato de que as aposentadorias ou pensões geram um aumento nas chances de que os jovens não estejam participando do mercado de trabalho e nem estudando. Desta maneira, apesar da probabilidade do jovem nem-nem ser menos sensível ao nível do rendimento, a presença desses benefícios no domicílio contribui para redução dessa probabilidade, sugerindo então que as aposentadorias e pensões têm efeitos positivos quando se trata dos investimentos em educação e da dedicação exclusiva aos estudos.

Costa; Becker e Pavão (2013) procuraram analisar se as políticas públicas para elevação da renda per capita das famílias situadas na região rural podem elevar seu nível de escolaridade. Isso através de um modelo probit bivariado, para estimar as probabilidades dos jovens com idade entre 15 e 24 anos trabalharem ou frequentarem escola, com base nos dados da Pnad de 2009. Os resultados mostraram que a renda domiciliar per capita pode ter impactos importantes sobre a alocação de tempo da população juvenil. Constatou que jovens de família com maior renda per capita tem maiores chances de frequentarem a escola e se dedicarem apenas aos estudos, enquanto jovens consideravelmente pobres advindos de famílias com menor renda per capita tendem a entrar precocemente no mercado de trabalho principalmente em áreas rurais do Brasil. Pôde se observar também que à medida que a idade do jovem aumenta, diminui as chances de o mesmo estudar e aumenta as probabilidades de trabalhar.

Usando os dados da Pnad 2011, Tillmann e Comim (2016), investigaram através de um modelo logit multinomial as características dos jovens ligadas a decisão entre estudar e trabalhar, utilizando-se de duas definições de trabalho, sendo elas a ocupação remunerada e outro referente as realizações de atividades domésticas. Os autores encontraram que na definição remunerada, há importância do grau de instrução dos pais, e da renda, sobre a decisão de acumulação do capital humano dos jovens, reforçando a ideia de que existe uma relação entre educação e oportunidades. Por outro lado, os resultados para a ocupação sem remuneração associam, ser mulher, ter baixa escolaridade, pertencer ao meio rural, ser casada ou mãe como as principais causas de risco da condição nem-nem. Os autores concluem que são necessárias políticas eficientes que gerem maior igualdade de oportunidade entre os sexos.

Guimarães, Marteleto e Alves (2016) destacaram através do estudo das trajetórias dos jovens brasileiros que a transição escola-trabalho está distantemente ligada a relação de linearidade. Os autores, portanto, revelam que transitar entre situações de emprego e inatividade é um movimento comum na trajetória dos jovens. A partir das contribuições, pode-se relatar que a inatividade como a que caracteriza a situação dos nem-nem, não é permanente na vida dos jovens.

Estudos mais recentes da literatura como Shirasu e Arraes (2019), analisam os fatores que influenciam as decisões dos jovens urbanos sobre as escolhas ocupacionais entre estudar e/ou trabalhar ou nem estudar nem trabalhar (nem-nem), levando em conta a interdependência dessa decisão. Foram utilizados os dados da Pnad 2015 com foco na amostra de jovens com idade de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos aplicados a um modelo apropriado de escolha discreta ou modelo probit bivariado, considerando também uma modificação da decomposição de Oaxaca. Os resultados revelaram elevado grau de heterogeneidade da população classificada como nem-nem por faixa etária e sexo. As melhores condições

familiares e a educação dos pais estão ligadas a maior probabilidade de só estudar ou de exercer as duas atividades, tendo menor probabilidade de só trabalhar. Esse trabalho buscou entender como esses fatores evoluíram de maneira distintas para homens e mulheres no longo prazo.

Dado o início do quadro pandêmico, iniciado em 2020, junto as medidas restritivas contra a proliferação do novo coronavírus, como o isolamento social adotado no Brasil, percebeu-se a potencialidade das mesmas sobre a vida dos jovens, principalmente no que se diz respeito a alocação de tempo entre os estudos e mercado de trabalho, no âmbito de transição escola-trabalho.

Silva e Vaz (2020) com o objetivo de discutir as vulnerabilidades dos jovens nem-nem no Brasil e o movimento ocupacional destes em relação ao mercado de trabalho perante a pandemia da Covid-19, utilizando-se dos dados da Pnad continua trimestral e da Pnad Covid-19, observaram nos resultados, transitoriedade na condição de nem-nem dos jovens, destacando sua situação não permanente no longo prazo. Concluíram também que jovens nem-nem desengajados do mercado de trabalho possuem maiores dificuldades para saírem dessa situação do que o grupo de jovens nem-nem desocupados, onde essa situação se reflete predominantemente entre as mulheres, os negros, os jovens de baixa escolaridade e mais pobres.

Segundo Pedroso e Gisi (2020) o isolamento afetou de diversas forma o comportamento de uma sociedade, fazendo com que muitos dos jovens tivessem sua sociabilidade extremamente afetada. Dessa forma, analisaram os impactos da pandemia da Covid-19 no que se diz respeito a educação e trabalho para os jovens. Uma vez que esse grupo pode estar particularmente exposto aos efeitos socioeconômicos da pandemia. Os autores mostraram que mais de um em cada seis jovens estão sem trabalho ou deixou de trabalhar desde o início da pandemia. Através de uma análise documental qualitativa exploratória concluíram que a crise do emprego juvenil deixou inúmeros desafios perante as autoridades governamentais do país para a promoção e criação de políticas públicas que assegurem a sua entrada no mercado de trabalho, assim como o apoio educacional. Uma vez que essa crise afeta o desenvolvimento social no longo prazo.

Ciríaco (2022) tenta compreender de forma teórica e empírica aspectos importantes sobre a dinâmica juvenil no mundo do trabalho. Busca a investigação empírica dos principais determinantes da saída do desemprego para uma ocupação ou desalento no Brasil nos períodos anterior e posterior a aparição da Covid-19, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) (2018,2019,2020). Através do modelo de resposta binária concluiu que para ambas as fases da vida, possuir o sexo masculino e ter ocupados no lar aumenta a probabilidade de sair do desemprego e arrumar uma ocupação, além disso, quanto maior for tempo como desempregado mais difícil é a chance de inserção em alguma atividade econômica. Quando se trata da transição para o desalento, observou-se que residir na área urbana, independente da faixa etária, reduz a probabilidade de transitar para o desalento antes e durante o surgimento da pandemia, onde também entre os anos de 2019 e 2020 notou-se uma queda na transição para uma ocupação para os jovens e adultos, assim como uma queda na transição para o desalento tanto para os jovens como para os adultos frente a melhoras do quadro epidemiológico, da redução de alcance do auxílio emergencial e até mesmo do surgimento de novas vagas no mercado de trabalho.

Em síntese, os diversos estudos apontaram para os distintos determinantes acerca da alocação do tempo dos jovens entre trabalhar ou estudar ou não exercer nenhuma das atividades, sejam estes relacionados a família, a renda, ao nível educacional e até mesmo a fatores demográficos. Desta forma, esse trabalho também vem contribuir para a literatura correlata uma vez que analisa os determinantes socioeconômicos sobre a alocação de tempo desse grupo.

3. METODOLOGIA

Nesta seção discutem-se os processos metodológicos associados à pesquisa. Inicialmente apresenta-se a base de dados utilizada descrevendo as variáveis e suas características descritivas e em seguida discorre-se sobre o método econométrico que será aplicado, ressaltando as informações sobre a técnica de regressão utilizada, o Modelo Logit Multinomial (MNL), que por sua vez, permite estimar a probabilidade de ocorrência de um evento caracterizado por uma variável dependente categórica.

3.1 Base de Dados

Para atingir os objetivos deste estudo, foram extraídas informações dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua) de todo território nacional, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre o período de 2018 a 2022.1.

Implementada pelo IBGE a partir de janeiro de 2012, a PNAD Contínua constitui-se por sua vez em um modelo de produção de pesquisas domiciliares e tem a intenção de gerar indicadores para o acompanhamento das flutuações trimestrais e a evolução a médio e longo prazo da força de trabalho e rendimento, juntamente com outras informações necessárias para o desenvolvimento socioeconômico do País. A pesquisa então é realizada de maneira que abrange todo o território nacional, divididos nos setores censitários, excluindo desta forma áreas classificadas pelo IBGE, como por exemplo: aldeias indígenas, quartéis, bases militares, alojamentos, acampamentos, embarcações, barcos, navios, penitenciárias, colônias penais, presídios, cadeias, asilos, orfanatos, conventos, hospitais e agrovilas de projetos de assentamentos rurais, e também os setores censitários localizados em terras indígenas. Portanto, a pesquisa tem como população alvo todas as pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes da área de abrangência geográfica da pesquisa, exceto pelas áreas com características especiais classificadas pelo IBGE e citadas anteriormente (IBGE, 2017)

A PNAD Contínua é parte do Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares (SIPD) que como citado anteriormente constitui um modelo de produção de pesquisas domiciliares, onde sua área de decomposição geográfica é extraída de uma amostra de setores censitários, na qual as desagregações geográficas são Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas que incluem os municípios das capitais. No que se refere a extensão da temática além das informações referentes a força de trabalho e rendimentos associadas a características demográficas e educacionais, a PNADC também investiga as características gerais dos moradores como por exemplo - sexo, idade, cor ou raça, assim como características da habitação (IBGE, 2017).

Nesse sentido, foi analisado um subgrupo etário de pessoas consideradas jovens com idade de 14 a 25 anos. Baseado no intervalo etário proposto, ressalta-se que a escolha de um intervalo menor, frente a um intervalo maior, está no fato de que maiores intervalos de faixa etária passam a marcar momentos de vivência distintos entre os indivíduos frente as suas possibilidades e potencialidades identitárias como indica Cardoso (2013).

Com relação a construção das variáveis utilizadas no modelo econométrico, a variável dependente é dada pela situação ocupacional do jovem nos períodos analisados, transacionados entre as escolhas educacionais e laborais ou mesmo a sua ausência. É possível classificar as ocupações em: pessoas ocupadas, pessoas desocupadas e se frequenta a escola, na qual a definição das mesmas é dada respectivamente por pessoas que trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado, pessoas sem trabalho ou sem ocupação e se a pessoa é estudante. Desta maneira, a variável dependente é representada por uma variável categórica que assume os seguintes valores: 1 se o jovem trabalha e estuda, sendo esta considerada a de referência; assumirá o valor 2 se o jovem trabalha e não estuda; assumirá o valor 3 se o jovem não trabalha e estuda e, por fim, assumirá o valor 4 se o jovem não trabalha e não estuda. Este último, é classificado como nem-nem.

As variáveis explicativas foram tomadas com base na literatura apresentada ao decorrer das seções e estão diretamente ligadas as características individuais, ocupacionais e de localização, relacionadas aos jovens e ao âmbito familiar em que ele está inserido, sendo elas representadas pelo sexo; cor; escolaridade determinada pelo grau de instrução; condição no domicílio (filho, chefe, cônjuge); número de crianças e de idosos no domicílio; renda per capita e regiões do país.

A variável *renda domiciliar per capita* foi construída a partir do rendimento mensal efetivo de todos os trabalhos para as pessoas de 14 anos ou mais de idade somado e dividido pelo número de pessoas habitantes no domicílio sem excluir pessoas cuja condição no domicílio era pensionista, empregado doméstico ou parente do empregado doméstico. Desta forma a variável de rendimentos foi deflacionada para todos os trimestres, a partir do deflator calculado pelo IBGE de 2018.1.

Além das variáveis citadas acima, foi utilizado no modelo variáveis de dummies trimestrais do 1º trimestre de 2020 ao 1º trimestre de 2022, que tem por objetivo captar o período da pandemia e sua influência sobre as escolhas ocupacionais dos jovens. Dessa maneira, analisa-se as escolhas ocupacionais desses indivíduos durante os trimestres dos anos considerados, comparando-se os resultados antes e depois

do início da pandemia, onde os trimestres de 2018 à 2019 representam a fase anterior ao surgimento da crise pandêmica causada pela covid-19 e os trimestres iniciais de 2020 à 2022 na devida ordem cronológica representam a análise após o surgimento dos primeiros casos da covid-19. Todas as variáveis citadas e utilizadas no modelo estão apresentadas no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Descrição das Variáveis

| Variáveis | Descrição |
|---|---|
| <i>Características Individuais</i> | |
| Sexo | É uma dummy para sexo onde (1 - homem; 0 - caso contrário;) |
| Idade | Aferida em anos no intervalo [14,25] |
| Branca | É uma dummy para cor onde (1 – branca; 0 – caso contrário) |
| Filho | Dummy de filho ou enteado do responsável pelo domicílio (1 – sim; 0 – caso contrário) |
| Chefe | Dummy que recebe o valor 1 se o jovem é a pessoa responsável |
| Conjuge | Dummy para esposa (o) da pessoa de referência do domicílio (1 - sim; 0 - caso contrário) |
| Fundamental.completo | Jovem com nível de escolaridade fundamental completo |
| Medio.completo | Jovem com nível de escolaridade medio completo |
| Superior.completo | Jovem com nível de escolaridade superior completo |
| <i>Características da família</i> | |
| Chefe.fundamental.completo.fam | Chefe da família com ens. fundamental completo |
| Chefe.medio.completo.fam | Chefe da família com ens. medio completo |
| Superior.completo | Chefe da família com ens. superior completo |
| Num.filho10 | Proporção do nº de crianças até 10 anos no domicílio |
| Num.idoso | Proporção do nº idosos no domicílio maiores de 64 anos. |
| Renda.pc* | Renda domiciliar <i>per capita</i> |
| <i>Características geográficas</i> | |
| Espaço | Dummy que recebe o valor 1 se o domicílio se localiza na área urbana e 0 caso contrário. |
| Região | 5 dummies para representação das regiões brasileiras, tendo a região Centro Oeste como a categoria base |
| Dummy Trimestral - 1º trimestre de 2020 ao 1º trimestre de 2022 | Recebe o valor 1 se a informação for para o trimestre considerado e zero, caso contrário |

Fonte: Elaboração Própria.

3.2 Modelo Logit Multinomial

Para o estudo dos determinantes acerca da alocação de tempo dos jovens entre trabalhar e estudar é então utilizado o modelo Logit Multinomial que é proposto a partir da análise das probabilidades. Grenne (2002) afirma que os modelos logit e probit podem ser ponderados a partir da utilização de uma variável dependente composta por diversas categorias. Dessa forma com base nas probabilidades, a estrutura do modelo logit multinomial pode ser representada por:

$$P(Y_i = j | x_i) = \frac{\exp(X_i' \beta_j)}{1 + \sum_{k=1}^J \exp(X_i' \beta_k)} \quad j = 0, \dots, 4. \quad (1)$$

onde $\text{Prob}(Y_i = j | x_i)$ representas as diferentes probabilidades de ocupação: $Y_i = 0$, se o jovem trabalha e estuda; $Y_i = 1$, se trabalha e não estuda; $Y_i = 2$, se não trabalha e estuda; $Y_i = 3$, se não trabalha e não estuda; x_i , vetor de características individuais e do domicílio (variáveis explicativas) já detalhadas na seção anterior; e β vetor de parâmetros a serem estimados.

Utilizando a análise da razão de risco relativo (odds ratio) que por definição é a probabilidade de determinado evento acontecer em relação a outro, permite através desse cálculo interpretar os determinados parâmetros então estimados, observando as relações diretas das respostas das variáveis explicativas com a variável dependente. Dessa forma, a RRR ou razão de risco relativo é dada por:

$$RRR = \frac{\frac{P(Y=j | x+1)}{P(Y=k | x+1)}}{\frac{P(Y=j | x)}{P(Y=k | x)}}$$

Dessa forma, como a estimação dos parâmetros β é feita por máxima verossimilhança (MV), ela não representa impacto na probabilidade da variável dependente, torna-se necessário assumir uma categoria da variável dependente como base para obtenção de uma interpretação intuitiva dos coeficientes então estimados, onde o efeito na probabilidade do evento j decorrente de uma mudança no valor de uma determinada variável será relativo a esta categoria base. (Grenne, 2002).

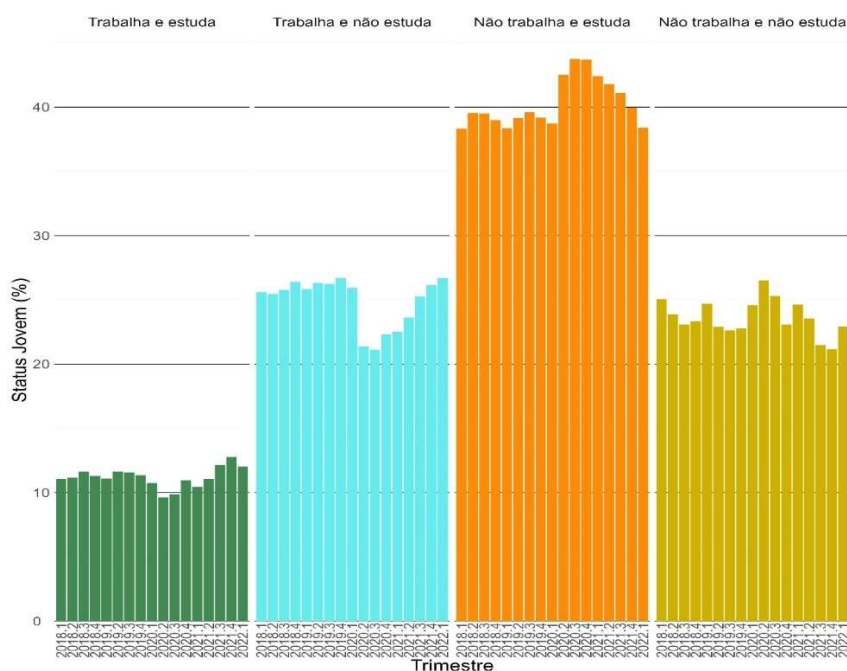
Assim, caso a RRR seja maior ou menor que 1, tem-se que a variável, condicionada a outras variáveis, respectivamente está correlacionada positivamente ou negativamente com a chance de o indivíduo sair da base ou estado de referência que é determinada pela alocação trabalha e estuda, para um estado j . Já se RRR tiver valor igual a 1, a variável de interesse não tem influência nas chances de transitar para as outras alocações de ocupações\desocupação, ou seja, não há risco. (Grenne, 2002). Portanto os valores estimados da RRR serão dados por:

$$(RRR-1) * 100$$

4. ANÁLISE DESCRITIVA

Com o intuito de observar e analisar o status ocupacional dos jovens brasileiros durante o trimestre dos anos de 2018 a 2022, o Gráfico 1 apresenta as proporções do status ocupacional, entre as categorias tem-se: se o jovem trabalha e estuda, trabalha e não estuda, não trabalha e estuda e não trabalha e não estuda.

Gráfico 1 – Proporção do status ocupacional do jovem por trimestre (%)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD Contínua 2018.1 – 2022.1

Analisando a evolução destes dados no Brasil percebe-se como a proporção das escolhas ocupacionais definidas pelo status do jovem, podem estar relacionadas aos eventos ocorridos nos períodos antes e depois da pandemia. Soma-se a isso, às mudanças sociais, demográficas, institucionais e políticas que também afetaram as relações familiares, educacionais e de trabalho no Brasil durante a recessão de 2015-2016, como afirma Montali (2017).

Analisando a proporção do status dos jovens acerca da alocação de tempo nos trimestres entre 2018 e 2020, verifica-se que a maior proporção está na categoria que só estuda. Um ponto de destaque, é a proporção dos jovens classificados como nem-nem ser aproximadamente a mesma proporção daqueles que só trabalham, ou ainda, apresentar uma proporção acima daqueles que trabalham e estudam. Dessa forma, evidencia-se a grande participação dos nem-nem no grupo de jovens no Brasil durante o período analisado.

Ao observar o período que marca o início da pandemia, a partir do segundo trimestre de 2020, verifica-se uma redução considerável da proporção do status ocupacional de indivíduos que só trabalhavam ou que conciliavam as atividades laborais com os estudos. Por outro lado, verifica-se um aumento no percentual dos jovens que só estudavam e dos que se enquadravam como nem-nem. Em parte, essas alterações podem ser explicadas pelas diversas medidas de restrições e distanciamento social que afetaram a fortemente a atividade econômica, que por sua vez teve efeitos sobre o mercado de trabalho assim como sobre a esfera social e continuidade da educação e formação profissional. (SILVA E VAZ, 2020).

Como destacado pela OIT (2020) e Trovão (2020), os jovens passam a ser afetados de diferentes maneiras, de forma que dependendo de sua situação, alguns enfrentarão dificuldades para se estabelecer educacionalmente/profissionalmente e para conciliar a formação educacional com a necessidade de complementar a renda familiar. Nessa situação, estes jovens tornam-se mais propícios a serem classificados como nem-nem. Dessa forma, a crise sanitária vem expondo a desigualdade preexistente no país, trazendo desafios relacionadas à proteção social e à preservação do emprego e da renda além do direito universal a educação de qualidade.

Com relação as variáveis explicativas utilizadas no modelo, a tabela 1 apresenta as suas porcentagens e médias amostrais associada as características individuais, familiares e geográficas para cada status ocupacional dos jovens.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas das variáveis explicativas por status de ocupação do jovem

| Características individuais, familiar e geográfica | Trabalha e Estuda | Trabalha e Não Estuda | Não trabalha e Estuda | Nem-nem |
|---|--------------------------|------------------------------|------------------------------|----------------|
| Sexo (%) | | | | |
| Masculino | 55,8 | 63,5 | 48,9 | 39,8 |
| Feminino | 44,2 | 36,5 | 51,1 | 60,2 |
| Cor/raça (%) | | | | |
| Branco | 42,7 | 36,2 | 35 | 27,8 |
| Não brancos | 57,3 | 63,8 | 65 | 72,2 |
| Filho(a) ou Enteado(a) (%) | 73,4 | 53,7 | 80,9 | 58,4 |
| Conjuge (%) | 4,5 | 13,1 | 1,3 | 14,9 |
| Chefe (%) | 8,2 | 19 | 1,8 | 10,7 |
| Fundamental Completo (%) | 35,2 | 19,7 | 48,2 | 20,5 |
| Médio Completo (%) | 47,9 | 57,3 | 16,4 | 53,4 |
| Superior Completo (%) | 4,7 | 8,7 | 0,7 | 3,6 |

| | | | | |
|----------------------------------|---------|---------|---------|--------|
| Chefe c\ Fund. Completo % | 8,6 | 9,9 | 8,3 | 9,2 |
| Chefe c\ Med. Completo % | 25,3 | 29,5 | 24,3 | 23,8 |
| Chefe c\ Sup. Completo % | 14 | 7 | 13,4 | 6,1 |
| Espaço (%) | | | | |
| Urbano | 76,9 | 73,4 | 74 | 67,4 |
| Rural | 23,1 | 26,6 | 26,1 | 32,6 |
| Região (%) | | | | |
| Norte | 15,8 | 14,6 | 16,9 | 17 |
| Nordeste | 25,2 | 29 | 37,8 | 44,6 |
| Sul | 22 | 18,8 | 12,9 | 9,3 |
| Sudeste | 24,4 | 26,7 | 23 | 21,4 |
| Idade (anos) | | | | |
| Média | 19,73 | 21,95 | 16,79 | 20,91 |
| Desvio padrão | 3,08 | 2,31 | 2,63 | 2,63 |
| Número de filhos | | | | |
| Média | 0,26 | 0,33 | 0,35 | 0,43 |
| Desvio padrão | 0,6 | 0,66 | 0,68 | 0,76 |
| Número de idosos | | | | |
| Média | 0,14 | 0,13 | 0,16 | 0,16 |
| Desvio padrão | 0,41 | 0,39 | 0,43 | 0,43 |
| Renda per capita (R\$)* | | | | |
| Média | 1329,8 | 1065,86 | 808,48 | 469,5 |
| Desvio padrão | 1773,01 | 1310,82 | 1567,59 | 893,21 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD Contínua 2018.1 – 2022.1

Ao verificar as características individuais, como sexo, é possível perceber que a porcentagem daqueles que conciliam trabalho e estudo é maior entre os homens (55,8%) comparado com as mulheres que são 44,2%. Já para os nem-nem, o percentual maior é entre as mulheres (60,2%), enquanto para os homens, a maior porcentagem foi no status trabalha e não estuda (63,5%).

Com relação a cor (raça), a porcentagem de não brancos por sua vez, constitui a maior parte de todos os grupos de atividade ocupacional, sendo que a categoria nem-nem (72,2%) liderou frente as outras categorias. Além disso, em média, jovens com idade acima de 20 anos (entre 21 e 22 anos) trabalhavam e estudavam ou não exerciam nenhuma atividade (nem-nem), enquanto que os menores de 20 anos (entre 16 e 19 anos) estavam ocupados só estudando ou só trabalhando.

Em termos de característica da família, os jovens que moram com o chefe do domicílio com ensino médio completo estão em grande parte na categoria que só trabalham (29,5%). Quando consideramos chefes de família com nível superior os jovens se concentram mais na categoria de trabalha e estuda (14%). Com relação a educação do próprio jovem, aqueles que só trabalham possuem em sua maioria o ensino médio completo (57,3%). Assim como os classificados como nem-nem possuem o ensino médio completo (53,4%).

A respeito do número de idosos e crianças no domicílio, a média é muito pequena, no entanto, ela é maior na categoria dos nem-nem, implicando que nos domicílios desses jovens há a presença de crianças ou idosos que podem contribuir para estes não alocarem seu tempo entre estudo e trabalho. Adicionalmente, pode-se verificar que esse mesmo grupo de jovens, integram a parcela mais pobre da população da qual renda média domiciliar *per capita* é inferior ao salário mínimo.

Desse modo, a renda domiciliar per capita pode então ser um dos fatores com influência sobre as decisões ocupacionais, de maneira que, um jovem de baixa renda está mais propenso a entrada no mercado

de trabalho para complementar a renda familiar, o que por sua vez compromete os estudos, e conseqüentemente, a oportunidade de elevação do capital humano dentre a oportunidade de auferir renda mais elevada no futuro.

Em relação as regiões do país, percebe-se que as proporções de jovens nem-nem na região Nordeste supera as demais regiões, da mesma forma que possui as maiores proporções em todas as outras atividades ocupacionais. A região sul representa a região com menor percentual de jovens nem-nem. Na distribuição por espaço geográfico, todas as categorias estão mais acentuadas na região urbana do que na região rural. No entanto, observando a área rural, os jovens nem-nem se concentram mais nessa área do que os demais status ocupacionais.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Frente ao objetivo deste trabalho em analisar os determinantes socioeconômicos sobre a alocação de tempo dos Jovens entre 14 e 25 anos no Brasil, serão apresentados e discutidos a seguir os resultados estimados através da regressão do modelo Logit Multinomial. Desta forma, foi estimado a regressão cuja variável dependente tem como referência a conciliação das atividades ocupacionais, determinada pela variável em que o indivíduo trabalha e estuda. As estimações das demais categorias, Trabalha e Não Estuda; Não Trabalha e Estuda; Não Trabalha e Não Estuda (nem-nem) estão apresentadas para cada coluna na tabela 2. Para a obtenção das estimativas de cada variável independente sobre as probabilidades de cada uma das categorias citadas em relação a de referência, utilizou-se para uma melhor interpretação dos parâmetros o RRR que dá a razão de probabilidade ou risco relativo.

Os resultados estão expostos na tabela 2 e equivalem ao exponencial dos valores dos coeficientes Logit que expressam as razões de risco relativo frente uma mudança unitária na variável preditiva. Destaca-se ainda que os resultados apresentaram significância a 1%.

Comparando os indivíduos tidos como homem em relação as mulheres, o risco relativo para só trabalhar em relação à categoria de referência trabalhar e estudar aumenta por um fator de 1.929, uma vez que as outras variáveis do modelo são mantidas constantes. Como observado na seção anterior da análise descritiva, homens constituem grande parte do contingente que só trabalham (63,5%). Por outro lado, em relação as demais atividades ocupacionais, o risco relativo de só estudar e ser nem-nem são maiores para os homens. Esses resultados se assemelham aos de Shirasu (2019) e Costa, Becker e Pavão (2013).

O efeito da variável idade é maior na categoria dos que só trabalham o que reforça seu importante papel na transição para a vida adulta. Enquanto indivíduos brancos possuem maior o risco de só estudarem e reduzem a probabilidade de só trabalhar e de ser categorizados como nem-nem. Desta forma, a busca por emprego ou até mesmo a categorização por nem-nem por jovens não brancos pode se dar em função do menor recursos dessas famílias frente as características e heranças culturais que refletem em menores chances educacionais e menores salários (Zucchi e Hoffmann, 2004, Guimarães, 2006). Da mesma forma, Oliveira, Scorzafave e Pazello (2009) e Gomes et. al. (2019) demonstram resultados semelhantes, na qual indivíduos brancos possuem as menores probabilidades de ficarem fora do mercado de trabalho ou sustentar a condição de nem-nem.

Já o jovem ser chefe de família implica no aumento do risco de só trabalhar em cerca de 1,31 vezes e diminui o risco em 45% de chances de só estudar ou 16% de ser nem-nem. Ciríaco (2022), Cuco (2020) e Oliveira, Scorzafave e Pazello (2009) encontram estimativas semelhantes onde mostram que os indivíduos com status de chefe possuem maior probabilidade de estarem economicamente ativos. Isto pode ser justificado pelo fato desses jovens serem responsáveis pelo sustento do domicílio. Já com relação ao jovem que assume o papel de filho ou enteado, verifica-se um aumento de 10% de chance de só estudar e diminui a chance de só trabalhar ou ser nem-nem em 35,7% e em 23%, respectivamente. Ainda dentro desse contexto, ser cônjuge diminui as chances de só estudar, ao passo em que aumenta os riscos de só trabalhar ou ser nem-nem em cerca de 2 vezes mais.

Dado os graus de escolaridade, observa-se que se o jovem possui apenas fundamental completo ou ensino médio completo reduz tanto as chances de só trabalhar, só estudar ou de ser nem-nem. Caso o jovem possua ensino superior completo observa-se o aumento na chance de 1,6 vezes de só trabalhar. Esses resultados estão de acordo com o que revela Pereira, Orellana e Aragón (2019), ao destacar que os

escolarizados possuem maiores chances de engajamento em atividades laborais no mercado de trabalho e possíveis menores riscos de se enquadrarem como nem-nem.

Ao analisar a contribuição da escolaridade do chefe de família sobre as escolhas ocupacionais dos jovens, alguns estudos como os de Camarano e Kanso (2012), Corseuil et al. (2001) e Menezes Filho et al. (2002), determinaram como fator importante na alocação de tempo dos jovens no Brasil a educação dos pais. Nesse sentido, observa-se como o menor grau de escolaridade (ensino fundamental) do chefe de família implica em um maior risco de só trabalhar (15,5%), de só estudar (14%) e um maior risco ainda de ser nem-nem (18,2%). À medida que o chefe de família aumenta a sua escolaridade, observa-se um aumento nas chances do jovem de apenas estudar. Como por exemplo, o chefe com escolaridade médio completo ou superior completo diminui as chances em 3% e em 2% de ser nem-nem, respectivamente. Resultados semelhantes são verificados por Corseuil et al (2001) no qual revelam que pais com maior nível de escolaridade aumentam as chances de dedicação exclusiva aos estudos por parte dos filhos.

Tabela 2 – Razão de Riscos Relativos - Categoria base: Trabalha e Estuda

| Variáveis | Trabalha e Não Estuda | Não trabalha e Estuda | Nem-nem |
|--------------------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| sexo | 1.929*** (0.006) | 0.570** (0.006) | 0.603*** (0.006) |
| idade | 1.297*** (0.0004) | 0.741** (0.0005) | 1.161*** (0.0004) |
| cor | 0.780*** (0.005) | 1.010** (0.005) | 0.793*** (0.005) |
| filho | 0.643*** (0.005) | 1.098** (0.006) | 0.770*** (0.005) |
| chefe | 1.312*** (0.005) | 0.546*** (0.005) | 0.839*** (0.004) |
| conjugue | 2.124*** (0.004) | 0.479** (0.004) | 2.086*** (0.005) |
| fundamental.completo | 0.463*** (0.005) | 0.697*** (0.005) | 0.331*** (0.005) |
| medio.completo | 0.967*** (0.005) | 0.314*** (0.005) | 0.727*** (0.005) |
| superior.completo | 1.599*** (0.003) | 0.288** (0.002) | 0.692*** (0.002) |
| chefe.fundamental.completo.fam | 1.155*** (0.005) | 1.142*** (0.006) | 1.182*** (0.005) |
| chefe.medio.completo.fam | 0.882*** (0.006) | 1.374*** (0.006) | 0.971*** (0.006) |
| chefe.superior.completo.fam | 0.341*** (0.006) | 2.642*** (0.007) | 0.981*** (0.006) |
| num.filho10 | 1.071*** (0.005) | 0.995*** (0.005) | 1.096*** (0.005) |
| num.idoso | 0.816*** (0.005) | 1.140*** (0.005) | 0.862*** (0.005) |
| renda.pc | 1.000*** (0.00000) | 1.000** (0.00000) | 0.999*** (0.00000) |
| espaço | 0.762*** (0.005) | 1.305*** (0.005) | 0.901*** (0.004) |
| regiãoNordeste | 1.114*** (0.004) | 1.997*** (0.004) | 1.646*** (0.004) |
| regiãoNorte | 0.917*** (0.004) | 1.366*** (0.004) | 1.122*** (0.004) |
| regiãoSudeste | 1.319*** (0.005) | 1.280*** (0.005) | 1.373*** (0.005) |
| regiãoSul | 1.095*** (0.005) | 0.768*** (0.005) | 0.833*** (0.005) |
| trim.2020.1 | 1.057*** (0.006) | 1.083*** (0.007) | 1.154*** (0.006) |
| trim.2020.2 | 0.908*** (0.007) | 1.413*** (0.007) | 1.239*** (0.006) |

| | | | |
|-------------|---------------------|-----------------------|---------------------|
| trim.2020.3 | 0.867*** (0.007) | 1.393*** (0.007) | 1.122*** (0.006) |
| trim.2020.4 | 0.846*** (0.007) | 1.219*** (0.008) | 0.951*** (0.006) |
| trim.2021.1 | 0.931*** (0.007) | 1.229*** (0.008) | 1.110*** (0.007) |
| trim.2021.2 | 0.928*** (0.007) | 1.127*** (0.008) | 0.993*** (0.006) |
| trim.2021.3 | 0.891*** (0.007) | 0.979*** (0.007) | 0.818*** (0.006) |
| trim.2021.4 | 0.880*** (0.006) | 0.886*** (0.007) | 0.776*** (0.006) |
| trim.2022.1 | 0.982*** (0.006) | 0.923*** (0.007) | 0.951*** (0.006) |
| Constante | 0.015*** (0.001) | 983.023*** (0.001) | 0.418*** (0.001) |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD contínua.

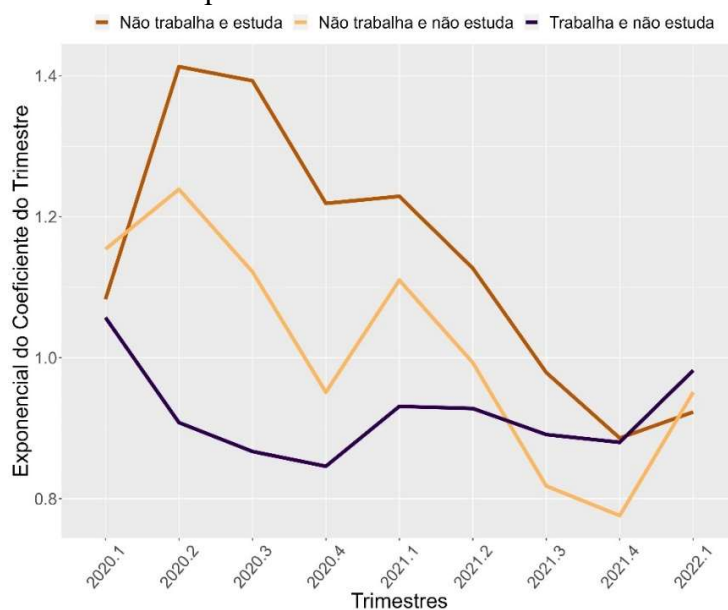
NOTAS: Coeficiente significativos a 1% (***), 5% (**) e 10% (*).

Em relação ao número de crianças de até 10 anos no domicílio, nota-se que há um risco maior sobre as chances de o indivíduo estar só trabalhando ou se enquadrar como nem-nem, frente a estar só estudando. Em contrapartida, o número de idosos em um domicílio apresenta um risco maior na escolha de só estudar (14%). Shirasu (2018) encontra resultado semelhante, implicando que ter um aposentado e/ou pensionista no domicílio, onde o jovem mora, também induz sua decisão entre trabalhar e estudar onde indivíduos dentro desses domicílios possuem maiores chances de estarem apenas estudando. Em relação a renda per capita do domicílio, embora tenha apresentado significância estatística, apresenta um efeito quase zero sobre as chances de todas as categorias.

Em relação as regiões do país em comparação com o Centro-Oeste, a análise das estimativas indica que em todas as regiões, os jovens possuem maiores chances de estar em todas as categorias. No entanto, a região sudeste apresenta a maior chance de só trabalhar (33%) e a região Nordeste as maiores chances tanto de só estudar (quase duas vezes mais) quanto de ser nem-nem (1,65 vezes maior). Com relação a área urbana, os jovens localizados nessa área apresentam uma maior chance de apenas estudar, cerca de 30%. Esses últimos resultados, segundo Ferreira e Alves (2009) pode ser reflexo do acesso mais fácil a serviços públicos e maior qualidade do ensino, bem como maior mercado trabalho.

Com relação a análise das *dummies* trimestrais, que captam o efeito do período da pandemia, o Gráfico 2 mostra o exponencial dos coeficientes dos trimestres expostos na tabela acima, para uma melhor visualização destes ao longo do período e das categorias ocupacionais.

Gráfico 2 - Exponencial dos coeficientes dos trimestres



Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados das estimações.

Observa-se pelo gráfico acima que ao se considerar o período da pandemia, vivenciado a partir de 2020, há no geral maiores chances de o jovem só estudar ou ser nem-nem do que conciliarem trabalho e estudo. Esses resultados se assemelham as estatísticas encontradas na análise descritiva. Nesse caso, Pereira e Orellana (2018) e Orellana e Aragón (2020), descrevem que a inserção de jovens no mercado de trabalho é algo bem difícil e que choques externos como a crise causada pela pandemia da covid-19 podem piorar ainda mais essa inserção, principalmente para alguns grupos mais vulneráveis como jovens e mulheres, uma vez que a pandemia aumenta a probabilidade de desemprego.

No mesmo gráfico, é possível observar que no primeiro trimestre de 2020 há uma alta e positiva chance de os jovens só estudar, só trabalhar e ser nem-nem, esta última categoria apresenta 15% a mais de chances de ocorrer. Todavia no trimestre seguinte (2020.2), no qual os efeitos da pandemia foram maiores, houve um aumento significativo no risco de o jovem só estudar (41%) e um aumento no risco de ser nem-nem de 23,9%. Para esse mesmo período houve uma queda no risco do jovem de apenas trabalhar. Esse comportamento permanece nos próximos trimestres até o primeiro trimestre de 2021 quando há um novo aumento do risco em ambas as categorias. A partir do terceiro trimestre de 2021, observa-se que as taxas de risco relativo de todas as categorias são menores que 1, portanto são negativas, indicando que há uma menor chance de o jovem estar em ambas as categorias. Já o último trimestre, 2022.1 observa-se em maior ritmo o aumento do risco do status dos indivíduos que só trabalham, refletindo provavelmente as condições de retomada da economia.

Em síntese, nos primeiros períodos da pandemia, observa-se em geral, que houve uma queda nas chances de os jovens só trabalhar. Por outro lado, houve aumentos nas chances de o jovem só estudar ou ser nem-nem, sendo o primeiro o de maior destaque. Portanto, é possível inferir que no período inicial da pandemia, foi propício aos jovens apenas estudar. Esse resultado pode ser reflexo de políticas cujos objetivos foram os de reduzir os efeitos nocivos da pandemia. Como exemplo, o governo federal disponibilizou o auxílio emergencial e o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, como medidas finais para manutenção do mercado de trabalho e da renda da população. Além dessas políticas, governos estaduais e municipais concederam tecnologias e equipamentos que facilitaram o acesso dos jovens a modalidade de ensino a distância utilizado no período inicial da pandemia.

De certa forma, nesse período, dada as medidas adotadas pelo governo para manutenção da renda, e o aumento do número de jovens que só estudavam e que eram denominados nem-nem, pode-se perceber uma relação diretamente proporcional, uma vez, que cerca de 6% dos domicílios brasileiros correspondendo mais ou menos 4,2 milhões, obtiveram sobrevivência somente através dos rendimentos provenientes do auxílio emergencial (IPEA, 2020), de modo que esse auxílio possibilitava ajuda enquanto o mesmo estivesse fora do mercado de trabalho por conta da crise ou pelo aumento da renda familiar, assim como, facilitando a manutenção dos estudos de maneira que houvera uma dedicação exclusiva a essa ocupação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a pandemia da COVID-19 e a crise subsequente, tornaram-se temas principais em torno de uma série de problemas de caráter sociais e econômicos. Observa-se que as crises tendem a afetar com mais força os grupos mais vulneráveis, onde os jovens de maneira particular, tendem estar mais expostos as implicações socioeconômicas da pandemia. Motivado pelo elevado contingente de jovens de 15 a 24 anos que estavam à margem do sistema educacional e do mercado de trabalho no Brasil, frente as suas escolhas ocupacionais, esse trabalho teve como objetivo analisar os determinantes socioeconômicos sobre a alocação de tempo, entre estudar e trabalhar, exercer ambas as atividades ou nenhuma delas (nem-nem), antes e durante a pandemia (2018 a 2022).

Os resultados obtidos da estimação do modelo Logit Multinomial mostram que homens quando comparado as mulheres possuem maiores riscos de só trabalhar em relação a só estudar, ser nem-nem ou conciliar estudo e trabalho. Indivíduos mais velhos alocam seu tempo apenas no mercado de trabalho, o que por sua vez reforça o importante papel de transição para a vida adulta.

Analogamente jovens brancos e que assumem o papel de filho ou enteado no domicílio tem

um aumento na probabilidade de só estudarem o que fortalece a literatura de que indivíduos de cor branca, possuem menores chances de ficarem fora do mercado de trabalho e de sustentarem uma situação de nem-nem quando comparado aos não brancos. Ser chefe da família aumenta as chances de só trabalhar, pois há um possível custo ao ser chefe, o de ser responsável pelo sustento da família.

A escolaridade é também um dos fatores que explica a alocação de tempo dos jovens. Sendo assim, jovens com maior grau de escolaridade tendem a ter maiores chances de apenas trabalhar e diminui as chances de serem nem-nem. Chefe de família com maior grau de escolaridade permitem que os jovens aloquem seu tempo principalmente aos estudos. Além disso, o número de crianças de até 10 anos e o número de idosos também afetam as escolhas ocupacionais dos jovens, aumentando as chances de apenas trabalhar e de apenas estudar, respectivamente. Adicionalmente, residir nas regiões do Nordeste e Sudeste produz maiores chances de o jovem ser enquadrado como nem-nem ou de só estudar. As regiões urbanas possuem a maior chance de o jovem só estudar em relação a área rural.

Quando analisado o impacto da pandemia da Covid-19, os trimestres de 2020 foram marcados por restrições geradas pela quarentena e pelo fechamento do comércio e de escolas. Nesse período, é observado uma redução das chances de o jovem só trabalhar, ao passo que, há um aumento do risco de só estudar ou de estarem ao mesmo tempo fora da força de trabalho e da esfera educacional. O aumento do risco nesta última categoria, pode ser explicada pelo fato da inserção dos jovens no mercado de trabalho ser mais difícil na presença choques externos, como a crise causada pela pandemia da covid-19. Esse aumento pode ser explicado ainda pelas dificuldades que alguns jovens venham a ter com relação aos estudos na modalidade a distância, seja por dificuldades de acesso à internet, marcada pela desigualdade no Brasil ou por dificuldades pessoais, como a necessidade de dedicar horas a mais nos cuidados e afazeres domésticos para suas famílias. (SILVA e VAZ, 2020).

A partir do terceiro trimestre do ano de 2021 até o primeiro trimestre do ano de 2022, observa-se uma equiparação das escolhas ocupacionais de maneira que as chances de se enquadrarem como nem-nem e como só estudam foram reduzidas. Já a categoria de apenas trabalhar aumentou frente a reabertura do comércio favorecido pela captação da vacina e possivelmente da melhora das esferas econômicas do país.

Frente a esses resultados, o presente estudo contribui para o entendimento dos determinantes acerca da alocação de tempo dos jovens brasileiros frente ao cenário pandêmico trazido pela Covid-19, identificando como as características sociais e demográficas podem influenciar nesse status. Além disso, é possível reconhecer os grupos mais vulneráveis, como por exemplo, aquelas famílias com chefe com menor escolaridade, as jovens mulheres que possuem maiores chances de serem nem-nem e aquelas famílias com menor renda per capita. Dessa forma, aponta-se a necessidade de melhores políticas públicas articuladas às ações de qualificação, de assistência à procura de emprego, de treinamento das habilidades socioemocionais, principalmente após ao período conturbado vividos nos últimos anos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÁZAR, Lorena; RENDÓN, Silvio; WACHTENHEIM, Erik. Working and studying in rural Latin America: critical decisions of adolescence. 2002.

BORJAS, G. J. Economia do Trabalho. Mac Graw Hill Brasil, 2012.

BRIDI, M. A. *A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil*. Estudos avançados, v. 34, p. 141-165, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3MfRK5yDnzN9HsMzH5bCfqD/abstract/?lang=pt>

BROKS, S. K., WEBSTER, R. K., SMITH, L. E., WOODLAND, L., WESSELY, S., GREENBERG, N., & RUBIN G. J. (2020). *The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence*. The Lancet, 395(10227), 912-920.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; ANDRADE, A. *Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?* In: Ana Amélia Camarano. (Org.). *Transição para*

a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

Camarano, A. A., & Kanso, S. (2012). *O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?* Boletim do Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise (53).

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. *Do nascimento à morte: principais transições*. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 31-60.

CAMACHO, A. C. L. F., JOAQUIM, F. L., MENEZES, H. F. D., & SANT'ANNA, R. M. (2020). *A tutoria na educação à distância em tempos de COVID-19: orientações relevantes*. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 5, p. e30953151, 2020.

CARDOSO, A. *Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação*. Caderno CRH, Salvador, 26, n. 68, Agosto 2013. 293-314.

CARDOSO, A. *Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação*. Caderno CRH, Salvador, v. 26, n. 68, ago. 2013.

CARVALHO, S. S.; NOGUEIRA, M. O.; *O trabalho precário e a pandemia: Os grupos de risco na economia do trabalho*. IPEA, Mercado de trabalho, setembro de 2020.

CIRÍACO, J. S. OLIVEIRA, C. S, ANJOS JUNIOR, O. R. *O Contexto Social Como Determinante Do Trabalho Precoce No Ceará*. Revista da Abet, v. 16, p. 75-89, 2017.

CIRÍACO, J. D. S.; *ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO DO JOVEM*. Programa de pós graduação em economia, Fortaleza, 2022.

CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. N.; *DECISÕES CRÍTICAS EM IDADES CRÍTICAS: A ESCOLHA DOS JOVENS ENTRE ESTUDO E TRABALHO NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA*. Texto para discussão nº 797, Rio de Janeiro, junho de 2001.

CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. A. P.; *Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempo de crise*. Setembro de 2020.

COSTA, M. L.; JORGE M. A.; MOURA, F. R.; *DECISÃO DE PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS BRASILEIROS NO MERCADO DE TRABALHO: ANÁLISE COM BASE EM CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS E FAMILIARES*.

COSTA, J. S.; BECKER, K. L.; PAVÃO, A. R.; *Influência da renda domiciliar per capita na alocação do tempo dos jovens no Brasil*. Revista de Economia, v. 39, n. 1 (ano 37), p. 7-24, jan./abr. 2013. Editora UFPR.

CUCO, I HORANA AGUIAR; DE SOUZA, KÊNIA BARREIRO. *Informalidade no mercado de trabalho: uma abordagem da transição ocupacional no Brasil entre 2012 e 2019*. XVII ENABER. Rio de Janeiro 2019.

DA FROTA, M. G.; *Fatores condicionantes na decisão entre trabalhar e estudar dos jovens brasileiros*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Finanças, Sobral, 2019.

DA SILVA, E. R. A.; VAZ, F. M.; *Os Jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil*. Dossiê: jovens e mercado de trabalho na pandemia, setembro de 2020.

DE HOYOS, R.; POPOVA, A.; ROGERS, F. H. *Out of school and out of work: a diagnostic of ninis in*

Latin America. Washington: World Bank Group, 2016. (Policy Research Working Paper, n. 7548)

DE SOUZA, G. B. P.; DE LORETO, M. D. S.; REIS, L. P. C.; *Crise dentro da crise: a inserção laboral juvenil e sua configuração no contexto do novo coronavírus*. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n. 1, p. 90-108, 2021.

FERREIRA, B.; ALVES, F. *Juventude Rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar*. In: *Juventude e políticas sociais no Brasil*. CASTRO, J. A.; AQUINO, L. A. M. C., ANDRADE, C. C. (Orgs). Brasília: Ipea, 2009.

FILHO, S. C. L.; OLIVEIRA, A. M. H. C.; BRITO, D. J. M.; *As escolhas ocupacionais dos jovens em um contexto de transformação demográfica*. Economia do Trabalho, Economia Social e Demografia.

FREIRE, D. G.; SABOIA, J.; *Determinantes para a condição nem-nem dos jovens brasileiros: uma análise desagregada de inativos e desocupados*. **Economia e Sociedade**, v. 30, p. 811-844, 2021.

GOMES, C. E.; et al. *Transições no mercado de trabalho brasileiro e os efeitos imediatos da crise econômica dos anos 2010*. Economia e Sociedade, v. 28, p. 481-511, 2019.

GREENE, WILLIAM H. *ECONOMETRIC ANALYSIS*. 5. ed. [S. l.]: Prentice Hall, 2002.

GUIMARÃES, N.; MARTELETO, L.; ALVES, M. B. *Trajetórias e transições: os múltiplos e difíceis caminhos dos jovens brasileiros no mercado de trabalho*. Brasília: OIT, 2016.

HASENBALG, C. *A transição da escola ao mercado de trabalho*. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V. (Org.). *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 147-172.

HOFFMANN, R. *Como aposentadorias e pensões afetam a educação e o trabalho de jovens do domicílio*. Economia e Sociedade, Campinas, v. 19, n. 1, p. 201-209, abr. 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. DIRETORIA DE PESQUISAS. COORDENAÇÃO DE TRABALHO E RENDIMENTO. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua-Notas técnicas Versão 1.0*. 2022.

KHAMIS, MELANIE et al. *The Early Labor Market Impacts of COVID-19 in Developing Countries: Evidence from High-Frequency Phone Surveys*. Jobs Working Paper, [s. l.], v. 58, 2021.

LEME, M. C. S.; WAJNMAN, S.; *A alocação de tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola*. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, v. 12, p. 1-22, 2000.

LOURENÇO, C. L. *Características da inserção ocupacional dos jovens no Brasil*. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em Economia Social e do Trabalho). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

MATOS, E. L. G.; *Implicações da pandemia da COVID-19 para transição do trabalho formal no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Finanças, Sobral, 2022.

MENEZES-FILHO, N. A. et al. *Adolescents in Latin America and the Caribbean: Examining the time allocation decisions with cross-country micro data*. Inter-American Development Bank Research Network

Working Paper n° R-470. 2002

MENEZES FILHO, N. A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. *A condição "nem-nem" entre os jovens é permanente?*. Insper. (Policy Paper n° 7), São Paulo, 2013.

MONTALI, L. *Mudanças na família, no mercado de trabalho e nos arranjos familiares*. In: LEONE, E. T.; KREIN, J. D.; TEIXEIRA, M. O. (Org.). *Mundo do trabalho das mulheres: ampliar direitos e promover a igualdade*. Brasília: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres; Campinas, SP: Unicamp. IE. Cesit, 2017, p. 39-66.

MONTEIRO, J. *Quem são os jovens nem-nem?: Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho*. Texto para Discussão 34 FGV -IBRE, Rio de Janeiro, 2013.

MONTEIRO, GUSTAVO PLINIO. *É possível gerar estimativas conjunturais a partir de dados longitudinais extraídos da Pnad Contínua?*. Revista Ciências do Trabalho, n. 16, 2019.

NEDER, H. D.; RIBEIRO, R.; *Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade*. Nova Economia Belo Horizonte 19(3)475-506 setembro-dezembro de 2009.

OIT. ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Fourth edition. Updated estimates and analysis. 27 May 2020a.

OIT. ILO Monitor: Mais de um em cada seis jovens estão sem trabalho devido à COVID-19. 2020b.

OIT. Trabalhadores jovens serão duramente atingidos pelas consequências econômicas da COVID-19. 2020c.

OLIVEIRA, J. L. ROSA, A.L.T. (2006). *Uma análise dos determinantes da alocação de tempo dos jovens cearenses entre estudar e trabalhar*. Texto para discussão, n. 35.

OLIVEIRA, P. R.; SCORZAFAVE, L. G.; PAZELLO, E. T.; *Desemprego e inatividade nas metrópoles brasileiras: as diferenças entre homens e mulheres*. Nova economia, v. 19, p. 291-324, 2009.

ORELLANA, V. S. Q., ARAGON, J.A. *Efeitos da Pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro*. In: 48º Encontro Nacional de Economia, 2020. 48º Encontro Nacional de Economia, 2020.

PEDROSO, P. R.; GISI, M. L.; *A pandemia – Covid 19 e os impactos na juventude: educação e trabalho*. Revista Práxis, v. 12, n. 1 (Sup.), dezembro, 2020.

PEREIRA, N. T., ORELLANA, V. S. Q., ARAGON, J. A. O. *Determinantes da transição desemprego e emprego do jovem brasileiro*. In: 47º Encontro Nacional de Economia, 2019, São Paulo. 47º Encontro Nacional de Economia, 2019.

PEREIRA, N. T.; ORELLANA, V. S. Q.; *O EMPREGO DO JOVEM BRASILEIRO*. In: 9º Encontro de Economia Gaúcha (EEG), 2018, Porto Alegre, 2018.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: IBGE, 2019.

REIS, M. C.; CAMARGO, J. M. *Impactos de aposentadorias e pensões sobre a educação e a participação dos jovens na força de trabalho*. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 37, n. 2, ago. 2007.

SHIRASU, M. R.; ARRAES, R. D. A. *Decisão dos Jovens Brasileiro: Trabalhar e/ou Estudar ou Nem-Nem*. Pesquisa e planejamento econômico | ppe | v. 49 | n. 2 | ago. 2019.

SHIRASU, M. R.; *Determinantes da escolha e do retorno ocupacional dos jovens Brasileiros*. Tese (doutorado) –Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Economia, Fortaleza, 2018.

SILVA, N. de D. V.; KASSOUF, A. L. *O trabalho e a escolaridade dos brasileiros jovens*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto, Minas Gerais. Anais... Ouro Preto: Abep, 2002.

SZÉKELY, M.; KARVER, J. *Youth Out of School and Out of Work in Latin America: A Cohort Approach*. Policy Research Working Paper 7421. Washington, DC: World Bank. 2015.

TILLMANN, E. A, COMIM, F. V. *Fatores da determinação do tempo entre trabalhar e estudar dos jovens no Brasil*. 2016.

TILLMANN, E. A. *Escolaridade, rendimentos e desigualdade de gênero entre os jovens no Brasil*. 2013. 69 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TROVÃO, C. J. B. M. *A Pandemia da Covid-19 e a Desigualdade de Renda no Brasil: Um Olhar Macrorregional para a Proteção Social e os Auxílios Emergenciais*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

VASCONCELOS, A. M.; et al. Programa Bolsa Família e Geração “Nem-Nem”: Evidências para o Brasil. RBE, Rio de Janeiro v. 71 n. 2 / p.233–257 Mar-Jun 2017.

Zucchi, J.D.; Hoffmann, R. (2001). Diferenças de renda associadas à cor: Brasil. Pesquisa e Debate, vol. 15 (1), p. 107–129.